

Lobão

em toda a sua plenitude

Ele foi um dos grandes nomes da música brasileira no cenário rock da década de 1980 e acabou de lançar o melhor disco de toda a sua carreira, *A Vida é Doce*, que saiu pelo selo Universo Paralelo. João Luís Woerdenbag Filho, mais conhecido por Lobão, precisou abrir uma gravadora para poder dar ao público uma obra do jeito que ele mesmo queria, sem a abominável intromissão dos diretores das majors. *A Vida é Doce* veio fechar a corajosa trilogia iniciada com *Nostalgia da Modernidade* (1995) e *Noite* (1998). Lúcido como poucos e sustentando aos 43 anos todo o vigor e rebeldia do mais legítimo dos roqueiros, o cantor e compositor carioca vai – não é de hoje – do samba ao trip-hop sem sair do tom. Com a mesma língua afiada que critica a hipocrisia dos poderosos e a decadência cultural no país de Macunafma, Lobão respondeu as perguntas elaboradas por Felipe Tadeu.

Tópicos: *O seu último disco A Vida é Doce, é um grande êxito em termos de repercussão na mídia e de vendagem em se tratando de uma produção independente. Depois desta experiência de financiar o próprio disco, você pensa em continuar fora de uma grande gravadora?*

Lobão: Claro, eu acho que tudo que vai ser feito de criativo, de teor artístico musical no mundo todo tende a se tornar independente, enquanto o *mainstream* vai ficar cada vez mais pasteurizado e maior. Aqui no Brasil já há, por exemplo, uma cooperativa de música techno em Curitiba, já há música eletrônica na Paraíba, em Maceió já tem gente vendendo CD's em bancas de jornais como eu. Nós passamos a década de 90 com muita repressão, numa ditadura branca em termos de informação em geral. Meu próximo trabalho também sairá pelo selo Universo Paralelo e deve ser um disco ao vivo desta trilogia que eu terminei e mais alguns de meus sucessos gravados com orquestra. Fora isso, gostaria de lançar CD's também de Nelson Sargento, de Arnaldo Baptista (Os Mutantes) e de Rebecca Matta. Já que o meu disco *A Vida é Doce* foi premiado pela qualidade do projeto, a gente quer que o selo Universo Paralelo seja categorizado pela excelência, independente do gênero musical.

Tópicos: *Quando você lançou o disco no Brasil seu nome apareceu em destaque em toda a mídia nacional, mas a imprensa, em geral, focalizou mais as suas declarações, as suas atitudes, do que o próprio álbum. Como você vê isso?*

Lobão: Eu andei dando uma olhada no que trinta e poucos jornalistas escreveram sobre o

A Vida é Doce, e percebi que a preferência dentre eles quanto às músicas variava muito. Eu detectei oito músicas do meu disco citadas como preferidas, dentre as onze que fazem parte do trabalho. O meu maior problema é fazer com que as pessoas entendam que o disco é interessante como uma obra inteira, senão é a mesma coisa que você comentar só um capítulo de um livro. Alguém que gostou do meu disco por causa de uma determinada música, não entendeu nada. *A Vida é Doce* é uma história enorme. Ninguém ficou falando do detalhe da sinergia poética que tem os intertextos com os créditos, com as fotos, com a poesia cinética do *eu não existo, eu exílio, eu sou Londres*. Eu estava querendo privilegiar a fotografia no encarte e fazer o intertexto com frases de Cioran, T.S. Eliot, Shakespeare e montar o contexto e não um texto. Tem gente que diz que *A Vida é Doce* é um disco de trip-hop. Sim, ele tem citações de trip-hop, mas como tem também da Maysa, de Dolores Duran, do Grande Othelo, de Tom Jobim.

Tópicos: *O fato de você ter se apresentado no programa do Faustão em março gerou muita polemica, não é mesmo?*

Lobão: Eu fui muito criticado, mas as pessoas se esquecem de que há onze anos eu não podia aparecer na Globo. Eles me convidaram, eu negociei tudo, eles queriam me colocar trinta minutos no ar e eu disse que não, que eu queria só o mínimo possível para mostrar uma música *A Vida é Doce*. Falei ao vivo sobre as rádios livres, o ministro Pimenta da Veiga veio falar comigo no telefone, quer dizer foi um *auê*, a Rede Globo estava enlouquecida porque deu pique de audiência no horário, então o que eu posso dizer é, se eu tocando uma música esquisita dou mais audiência do que Chitãozinho e Xororó, o que vocês vão fazer comigo?

Tópicos: *Você tem dado prioridade à estratégia na mídia?*

Lobão: Eu valorizo o show, porque o disco não toca em rádio, só nas rádios livres, que no Brasil estão sendo perseguidíssimas. Nós temos tido muita ajuda da Rádio de Milão, uma rádio livre que é a segunda emissora na Itália, soubemos também que o congresso norte-americano aprovou a legalização de muitas emissoras locais depois de uma guerra tremenda por lá. Os shows vão rolar pelo Brasil inteiro num *power trio* com Dé no baixo e Jongui na bateria. A gente tem que capitalizar esse disco para aumentar nossa infra-estrutura, tocar para mais pessoas e poder quebrar esta censura branca das rádios oficiais, entrando em programas de altíssima audiência, atingindo 70 milhões de pessoas, sem a nossa música tocando nas rádios. Isso vai criar um paradoxo insuportável, espero eu.

Tópicos: *A impressão que se tem é que nunca se falou tanto de direitos autorais e rádios livres como agora no Brasil. Basta a gente se lembrar que há dez, doze anos, só se falava em rádios piratas e agora elas estão se impondo. Na Alemanha, há uma infinidade de rádios livres exercendo o papel que lhes cabe, de maneira bem democrática.*

Lobão: Bem, aqui no Brasil, o ECAD, que é um órgão totalmente desmoralizado no arrecadamento de direitos autorais, deu uma batida na Rádio Favela que foi a primeira emissora elevada a cunho cultural pelo próprio ministro Pimenta da Veiga. Baixaram lá dizendo que a rádio não paga ao órgão. E quando que o ECAD distribui esta renda aos autores? Isso é uma arbitrariedade, uma vergonha, uma violência contra a Rádio Favela, que é um exemplo não só pro Brasil, como para o mundo todo, que existe numa comunidade precária, pobre, e que gera empregos, diminui a violência, dá diversidade cultural para as pessoas, promove eventos culturais para crianças e adolescentes, informa sobre educação sexual, saúde pública, enfim, uma série de benefícios que nenhuma rádio oficial, nem o governo proporciona. Nós, autores, temos que ceder os direitos autorais para todas as rádios livres porque esse é o impasse do ECAD.

Tópicos: *Voltando aos artistas que você gostaria de gravar na Universo Paralelo: além do sambista Nelson Sargento e do eterno mutante tropicalista Arnaldo Baptista, quem seriam os outros candidatos?*

Lobão: Olha, a gente fala de uma forma aleatória, por uma simpatia pessoal pois eu conheço os dois, são meus amigos, eu os associo também ao projeto gráfico, porque o Nelson e o Arnaldo também são artistas plásticos. Gostaria de fazer uma junção de trabalhos e poder expô-los de uma maneira criativa numa mídia. Agora eu tenho recebido mais de dois mil CD's demo, desde de grupos de chorinho do Pará, de música eletrônica da Paraíba, passando por conjuntinhos pré-fabricados, já feitos com cara de produtor de gravadora também. Você vê o dano que a indústria fonográfica causa na cabeça do cara que ainda está começando: "Eu, com 16 anos, pronto para ser vendido!" Eu estou pensando em fazer um programa de rádio na Internet do tipo *Ao Seu Diretor Artístico*, mostrando para as pessoas todas estas demos que eu tenho. Assim as pessoas poderiam falar se gostaram, se a música é legal, e desta forma elas próprias poderiam delinear um perfil das coisas novas. Mas a internet é ainda insipiente no Brasil, daí a importância da difusão das rádios livres. ■

Felipe Tadeu
E-mail: Brasilkult@aol.com